



Tema:
**"OS DESAFIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO
NA UNIMEP"**



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

PATOS E PATACOALDAS

Autor(es)

CLAUDIO ANTONIO CHIRELLI

Contos / Cricas

Pseudonimo: Mario Quintanilha

PATOS E PATACOADAS

O sítio era pequeno e rodeado de médias e grandes propriedades. Viveu ali a muitos anos um casal que com grandes sacrifícios conseguiu criar seus filhos com o que a terra produzia. A casa era de barro e coberta de sapé. Foi erguida próximo a um riacho de água límpida e correnteza mansa. Era a veia líquida do campo, e de quilômetros acima e quilômetros abaixo dele todos desfrutavam, para o gado, para regar as hortas, para cozinhar, lavar as roupas, e tomar banho e tirar o cansaço depois de um dia de dura luta no lidar da terra. Ah! e ainda era piscoso, dava muitos lambaris que muitas vezes era a mistura do almoço e da janta, e depois de algumas chuvas quando turvava as águas, até umas traíras subiam e ficavam nos remansos, se tivesse sorte, quando ia escurecendo dava para fisgá-las e rendia bons pratos. Do lado de trás da casa, do outro lado do riacho, tinha uma grande capoeira, habitat de aves e animais e de plantação natural de palmeiras de macaúba do qual se extraía deliciosos palmitos.

Mas o tempo passou e os filhos cresceram e a terra foi deixada, para a tristeza do velho casal, que forças já não tinham. Mudaram para a cidade. A terra o mato tomou conta, o casebre de sapé virou tapera e da tapera o tempo derrubou, nada mais restou. O riacho virou um fio de água que até hoje luta e reluta para não morrer, se esforçando em chegar aos mar. A pequena propriedade não foi vendida, não foi arrendada, simplesmente abandonada.

Dezenas de anos passaram até que um dos filhos, o caçula da família, que não era mais criança, resolveu voltar para o sítio. Agora só queria curtir e matar saudades. Caminhos, estrada, não existiam mais. Mas com grande sacrifício, roçou o terreno e uma clareira foi aberta e ali ele construiu um barraco de madeira e lona, coisa rudimentar, longe de ser a arrumadinha casa coberta de sapé. Quis matar a saudade e recordar momentos de meninice e começo de adolescência. De criação levou apenas um casal de pato que timidamente ainda nadavam no heroico riacho.

Desse casal de pato veio a primeira ninhada, oito patinho, que eram uma beleza. E não parou mais. Depois de adultos cada trinta e dois dias tinha pata chocando e patinhos quebrando a casca. O dono com a dificuldade, a cada semana ou vinte dias, levava algumas aves e oferecia na feira para a venda. Mas não suportando mais a convivência nas terras, devido a dificuldade de transporte e o pouco rendimento da criação, resolveu abandonar tudo e voltar para a cidade, deixando os patos abandonados e criando cada vez mais.

Os patos tiveram que se virar sozinhos, pois o trato nas horas certa, manhã, meio dia e ao cair da tarde, já não tinha. As aves, por instinto, foram descobrindo os horários que o dono do sítio vizinho tratavam suas galinhas, que eram criadas soltas, pelos pastos e terreiros da casa.

A principio, o dono do sítio, não estava preocupado, achava até bonito os patos chegando, com seus balanceantes andar. Mas aquilo foi tomando proporção que ele não imaginava. A todo dia chegava mais patos, de todos os lados, do riacho, da capoeira, dos carregadores de cana, que um saco de sessenta quilos de milho já não dava mais; e os danados comiam mais de que suas galinhas...não...não...não dava mais, precisava tomar medidas para a solução do imprevisto. O que ele achava bonito, estava virando prejuízo.

Foi até a cidade e procurou o dono dos patos e explicou a situação e, pediu que ele tomasse providências urgentes. E este imediato, e com muita cortesia, disse que aquela semana mesmo já ia providenciar a retirada das aves.

Mas, qual o quê, duas semanas se passaram e nada. Os patos nos horários de costume do trato chegavam como visitas indesejadas, e esbaldavam no milho do pequeno sitiante.

E por repetidas vezes, ainda, o dono dos patos foi avisado, e nada. Até que o sitiante resolveu dar a solução... já que ele não vem buscar...vou levar, e assim o fez. Num dia de sábado recomendou a seus filhos, esposa, sobrinhos que com ele conviviam no sitio, para que todo patos que aparecesse no terreiro fosse pego. E assim foi feito. Quando pela tarde a velha Kombi estava lotada. Tinha pato nos bancos, no assoalho, em cima do motor, alguns se equilibraram encima do painel, até nos pedais. Para o motorista e o seu ajudante sentar, teve que tirar alguns do banco e levar no colo vários deles. O barulho era ensurdecedor, o cheio de merda era insuportável. E segue viagem...foram alguns quilômetros intermináveis, parecia que não chegava mais, até que adentram a cidade e se dirigiram até a casa do dono dos patos.

O motorista quando desceu era só merda no seu colo e seu ajudante também, e até no pescoço, nos ombros e na nuca, pois com os solavancos da velha e barulhenta Kombi os patos se assustavam e davam saltos e não tinha jeito... “faziam mesmo” e eles tinham que suportar.

O sitiante bateu palmas e logo foi atendido. O morador quando viu o conhecido e seu filho naquele estado tomou de espanto e com cara de quem nada notara, já foi apertando as mãos dos supostos visitante, que já ficou marcada, perguntando se estavam todos bem e no que poderia ajuda-los. O sitiante contendo a sua ira, já descarregando os patos...simplesmente respondeu: ”viemos entregar a sua encomenda e chega de patacoadas”.